

FOLKCOMUNICAÇÃO E ETNOVIDEOGRAFIA DO AUTO DO BOI DE PARINTINS¹

Joyce Coelho Gomes²
Adelson da Costa Fernando³
Helder Ronan de Souza Mourão⁴

RESUMO

Este estudo realiza uma análise etnográfica do Auto do Boi de Parintins, centrando-se nas dimensões simbólicas, performáticas e identitárias mobilizadas pelos bois-bumbás Garantido e Caprichoso. Utiliza-se da observação participante e da etnografia como instrumentos de escuta visual e registro das expressões culturais durante o Festival Folclórico de Parintins. A pesquisa buscou compreender como artistas, brincantes e comunidades constroem narrativas de pertencimento por meio do espetáculo. O Auto do Boi, como um rito de mediação entre tradição e modernidade, revela tensões estéticas, políticas e sociais que atravessam a cultura amazônica contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE

Boi-Bumbá de Parintins; Cultura amazônica; Etnovideografia; Folkcomunicação; Performance ritual

INTRODUÇÃO

Parintins é uma pequena cidade, situada na ilha Tupinambarana, no estado do Amazonas, bem próxima à fronteira com o Pará, na região conhecida como o médio rio Amazonas. A cidade transfigura-se anualmente para abrigar uma festa espetacular: o festival dos Bois-Bumbás. O festival acontece nas três últimas noites do mês de junho, e organiza-se em torno da competição entre dois grupos de Bois: Boi Garantido (o boi branco com o coração vermelho na testa), cujas cores emblemáticas são o vermelho e o branco; e Boi Caprichoso (o boi preto com a estrela azul na testa), cujas cores são o preto e o azul.

¹ Trabalho apresentado para o GT 2: Folkcomunicação e Culturas Populares, integrante da programação da 22ª Conferência Brasileira de Folkcomunicação – Folkcom 2025, realizado de 29 a 31 de outubro de 2025.

² Universidade Federal do Amazonas. Discente do Curso de Zootecnia; Fotógrafa. E-mail: joyce.gomes@ufam.edu.br

³ Universidade Federal do Amazonas. Pós-doutorado em Jornalismo/UEPG – PR; Doutorado em Ciências da Religião PUC – GO e Vice-presidente da Rede Folkcom. E-mail: acostaf@ufam.edu.br

⁴ Universidade Federal do Amazonas. Doutorando em Comunicação/UFC - CE; Mestrado em Ciência da Comunicação/UFAM; Coordenador do Curso de Jornalismo da UFAM - Parintins. E-mail: heldermourao@ufam.edu.br

O referido festival alcançou nos últimos anos dimensões massivas, conjugando, de modo inesperado e criativo, padrões e temas culturais tradicionais a procedimentos e abordagens modernizantes. É hoje uma das grandes manifestações populares do Norte do Brasil, atraindo milhares de pessoas não só de Manaus (a capital do estado) e cidades próximas, como de diversas partes do país (Rodrigues, 2021). Nos anos recentes, essa ‘brincadeira do boi’ foi eleita como bandeira de uma identidade cultural regional. Esse alcance, a tensa relação estabelecida entre permanência e mudança, tradição e modernidade, bem como a beleza artística dos Bumbás de Parintins suscitam o interesse pela análise de seu sentido cultural profundo” (Cavalcanti, 2000, p. 1020). Seu estudo traz também questões amplas para a análise da cultura e dos rituais. Na evolução recente do Bumbá de Parintins, ressalta-se a participação da mídia, da indústria cultural e do turismo, de agências governamentais e amplas camadas sociais numa festa que mantém fortes características tradicionais.

No viés mais romântico de análise, a cultura popular é frequentemente o abrigo nostálgico de um mundo harmonioso, ameaçado pela época moderna. Nessa perspectiva, festas espetaculares e comercializadas tendem a ser vistas como deturpações de uma autenticidade original. A abordagem aqui proposta vê, ao contrário, a evolução do Bumbá, à semelhança do desfile carnavalesco das escolas de samba cariocas, como um exemplo extraordinário da capacidade de transformação e da atualidade da cultura popular no Brasil (Cavalcanti, 1999). Para tanto, nosso ponto de partida é uma perspectiva antropológica centrada no estudo dos rituais (Auto do Boi). O objeto é a festa entendida como um fato social total (Mauss, 1999), tal como hoje se expressa, com sua intensa capacidade de integração cultural e com os problemas e contradições inerentes a

sua expansão. O fato social total se refere a um conjunto enorme de fatos que se relacionam de maneira complexa. Ou seja:

nesses fenômenos, [...] tudo se mistura, tudo o que constitui a vida propriamente social das sociedades que precederam as nossas – até as da proto-história. Nesses fenômenos sociais “totais”, como nos propomos chamá-los, exprimem-se, ao mesmo tempo e de uma só vez, toda espécie de instituições: 1 religiosas, jurídi * Estas reflexões estão sendo desenvolvidas a partir da pesquisa Família, escola e mídia: um estudo sobre as práticas de socialização contemporâneas, financiada pela Fapesp, nos anos de 2005/2007. O estudo teve como objetivo investigar a importância das matrizes de cultura – família, religião, escola e mídias – na construção dos hábitos de jovens do ensino médio, no Norte e no Sudeste do Brasil. cas e morais – estas políticas e familiares ao mesmo tempo; econômicas – supondo formas particulares de produção e de consumo, ou antes, de prestação e de distribuição, sem contar os fenômenos estéticos nos quais desembocam tais fatos e os fenômenos morfológicos que manifestam estas instituições (Mauss, 1974, p. 41).

O Bumbá de Parintins é um processo ritual amplo, articulando diferentes níveis e dimensões de cultura e acompanhando no tempo o movimento da sociedade que o promove. Formas artísticas, grupos e camadas sociais diferenciados nele interagem. É mais um dos fascinantes lugares de tensa e intensa troca cultural, tão característicos da cultura brasileira. “O universo simbólico do Bumbá é, entretanto, denso e sutil como uma floresta” (Cavalcanti, 2000, p. 1020).

O Boi-Bumbá, ou simplesmente o Bumbá de Parintins, é uma entre as diversas formas da brincadeira do boi, cuja história no país remonta a meados do século XIX. Essa continuidade histórica implica significações e ressignificações permanentes, pontos de ruptura e alterações de contexto e de sentido que interessam a pesquisa apreender.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo adota uma abordagem qualitativa de base etnográfica, com ênfase na observação participante e no uso da etnovideografia⁵ como recurso complementar de registro e análise. A etnografia, enquanto método de investigação das práticas sociais, busca compreender os significados construídos pelos sujeitos em seu

⁵ Confira o vídeo com os dois festivais, 2017/2025 no Youtube. Garantido: <https://bit.ly/4pf9Pd8> e Caprichoso: <https://bit.ly/3VddA5f>

contexto cultural. No caso do Auto do Boi de Parintins, essa abordagem permite o mergulho nos bastidores, nas performances e nos rituais que compõem essa manifestação popular.

A pesquisa foi desenvolvida por meio de trabalho de campo durante o período de preparação e realização do Festival Folclórico de Parintins, envolvendo observação direta e registros videográficos. A presença contínua junto aos grupos dos bois Garantido e Caprichoso captou não apenas os momentos do espetáculo, mas também as interações cotidianas e os processos de criação coletiva, essenciais para a compreensão do fenômeno.

As reflexões de Sérgio Ivan Gil Braga (2007), em Os bois de Parintins, foram fundamentais para orientar a leitura dos aspectos históricos, comunitários e identitários que atravessam a festa. Sua abordagem destaca a construção de sentidos por meio do rito e da participação popular, o que contribui para o direcionamento da observação em campo. Já os trabalhos de Wilson Nogueira (2005; 2010), oferecem ferramentas analíticas para compreender o imaginário amazônico, a estetização da cultura popular e os efeitos da espetacularização do Boi-Bumbá. Esses elementos serão considerados na análise dos vídeos produzidas e na interpretação das performances.

A etnovideografia, de acordo com Tenório (2008), foi empregada não apenas como forma de ilustração, mas como instrumento de investigação. O ato videográfico é entendido aqui como uma prática de escuta visual, sensível às expressões corporais, aos gestos, aos símbolos e aos arranjos estéticos presentes no Auto do Boi. A seleção e interpretação dos vídeos buscaram respeitar o contexto e o significado cultural atribuído pelos próprios sujeitos fotografados, promovendo um diálogo entre o olhar do pesquisador e os olhares da comunidade. A análise envolveu a triangulação entre registros videográficos, anotações etnográficas e literatura especializada, permitindo uma leitura interpretativa dos sentidos sociais e simbólicos que emergem do Auto do Boi. Priorizamos os aspectos narrativos, identitários e afetivos mobilizados pelos participantes e refletidos tanto nas falas quanto nos vídeos.

OS BOIS BUMBÁS NA AMAZÔNIA

O Auto do Boi de Parintins é uma das manifestações culturais mais significativas da Amazônia brasileira. Realizado anualmente na ilha de Parintins, no estado do Amazonas, o espetáculo envolve milhares de pessoas, entre artistas, artesãos, dançarinos, brincantes e espectadores, mobilizando um complexo sistema simbólico que mistura tradição, religiosidade, performance e mercado. A festa⁶, protagonizada pelos bois-bumbás Garantido e Caprichoso, se configura como um espaço de representação identitária, onde o povo amazônida expressa suas memórias, crenças, valores e formas de resistência.

Neste contexto, investigar o Auto do Boi sob uma perspectiva etnográfica permite compreender como a cultura se atualiza e se reinscreve por meio da performance e do espetáculo. Os estudos de Sérgio Ivan Gil Braga, especialmente na obra *Os bois de Parintins* (2001), oferecem um olhar sobre os processos históricos e comunitários que sustentam a festa, enquanto Wilson Nogueira, em *Festas Amazônicas* (2005) e *Boi Bumbá: Imaginário e espetáculo na Amazônia* (2010), contribui com uma leitura crítica sobre a construção do imaginário amazônico e a espetacularização da cultura local (Nogueira, 2013). Diante disso, esta pesquisa se justifica pela necessidade de aprofundar a compreensão das dinâmicas culturais envolvidas no Auto do Boi, valorizando o ponto de vista dos sujeitos que constroem essa manifestação, e refletindo sobre os efeitos da midiaticização e da mercantilização da cultura popular no contexto amazônico.

Se é verdade que uma forma particular da brincadeira do boi alude a todas as outras, é preciso também situá-las em seus contextos históricos e sociológicos próprios. As características de permeabilidade e abertura ao ambiente cultural da brincadeira se exercem e ganham sentido em situações concretas. A região amazônica, sua relativa unidade histórica e cultural, é um importante contexto de referência ao Bumbá de Parintins. Ela fornece o contexto em que o festival reverbera anualmente, aludindo a muitas dimensões de uma história conturbada. Configura o pano de fundo e a

⁶ Cavalcanti (2022) ressalta que a festa do boi-bumbá de Parintins representa um novo nativismo que valoriza as raízes culturais regionais indígenas, afirmando positivamente uma identidade cultural cabocla. Isso significa que a celebração do boi-bumbá não apenas preserva as tradições culturais locais, mas também as reafirma e as valoriza como parte integrante da identidade regional. Além disso, a autora destaca que a forma espetacular e massiva do Festival dos Bumbás de Parintins integra, de modo criativo e original, o conjunto das tradicionais brincadeiras de boi que se espalham pelo Brasil. Isso demonstra como a festa do boi-bumbá de Parintins se destaca como uma expressão cultural única, que, ao mesmo tempo, está enraizada nas tradições mais amplas das brincadeiras de boi no país, mas também se distingue por sua grandiosidade e originalidade (apud Santos, 2024, p. 56).

originalidade que esse Bumbá reivindica para si, e aí está, certamente, uma das razões de sua amplitude (Rodrigues, 2021). Belém, na foz do rio Amazonas, e Manaus, na margem esquerda do rio Negro, em local próximo ao conhecido encontro com as águas barrentas do rio-mar, em região já bem interiorana, são os dois principais centros urbanos da Amazônia. Constituíram dois polos extremos na intensa comunicação fluvial da região.

Entre as duas maiores capitais amazônicas, e nas muitas cidades ribeirinhas, o Bumbá certamente continuou seus caminhos. O campo fica aberto para futuras investigações. Fato é que, na última década do século XX, um desses bumbás, os bumbás de Parintins, vem despertando a atenção de pesquisadores. Teixeira (1994) chamou atenção dos antropólogos para o seu “grande e deslumbrante espetáculo”. Paes Loureiro viu nele um dos marcos importantes da cultura amazônica contemporânea, sinalizando “um rico e vivo processo antropofágico e carnavalesco” em curso (1995, p. 396). Nos anos recentes, o Bumbá de Parintins vem nitidamente fornecendo a Manaus esse lugar de troca e integração cultural que lhe faltava.

O AUTO DO BOI SOB A PERSPECTIVA DA ETNOVIDEOGRAFIA

O Auto do Boi, também conhecido como Boi-Bumbá, é uma manifestação cultural profundamente enraizada na Amazônia brasileira, especialmente no município de Parintins. Mais do que um espetáculo folclórico, é um espaço ritual de construção simbólica, disputa de narrativas e afirmação de identidades locais. “Ao ser incorporado à problemática das culturas populares, certos desdobramentos teóricos neste trabalho conceituados passam a reposicionar a problemática ideológica no espaço da interação entre classes e grupos sociais como parte da disputa pela hegemonia” (Pachioni, 2014, p. 12).

A etnvideografia, enquanto método que une a etnografia à linguagem audiovisual, permite captar essas dinâmicas culturais a partir de registros em vídeo que valorizam os sons, movimentos e atmosferas das performances (Tenório, 2008). Por meio do registro videográfico, torna-se possível observar como os sujeitos da festa (brincantes, artesãos, artistas e comunidade) vivem e significam essa tradição em suas múltiplas camadas.

Figura 1 - Representação cênica do Auto do Boi Garantido ano/2017 - arena do Bumbódromo



Fonte: https://youtu.be/BGbOBWzUDt8?si=O3J_KDzN62jaUPLq

Como destaca Geertz (1989), a cultura deve ser lida como um texto, e o vídeo oferece ao pesquisador uma forma sensível de interpretar esses “textos performáticos” em seu contexto. Cada gesto, canto, figurino ou deslocamento em cena torna-se carregado de significado, possibilitando uma leitura densa e audiovisual da cultura. Em Parintins, os bois Garantido e Caprichoso não apenas protagonizam a festa, mas representam identidades comunitárias profundas.

A etnovideografia possibilita acompanhar não só o espetáculo final, mas todo o processo coletivo de produção, que envolve meses de ensaios, confecção de alegorias e composição de toadas. Como ressalta Braga (2007), o Auto do Boi é um fenômeno comunitário que se reinventa a partir da participação popular. Nesse contexto, a liminaridade proposta por Victor Turner (1974) encontra no vídeo uma ferramenta de evidência simbólica. Os momentos de ruptura da ordem cotidiana, nos quais os papéis sociais são suspensos e transformados pela festa, são registrados de forma dinâmica e emocional.

O vídeo capta esses instantes de transgressão, renovação e pertencimento que caracterizam o Boi-Bumbá. A perspectiva videográfica também se articula com a análise de Nogueira (2005; 2010) sobre o imaginário amazônico e a espetacularização do festival. O audiovisual permite refletir sobre o jogo entre tradição e inovação, autenticidade e mercado, cultura popular e mediação tecnológica. Mais do que

documentar, a etnovideografia interpreta e traduz simbolicamente esse universo, valorizando a memória coletiva e a expressão estética dos povos da Amazônia.

Figura 2: Representação cênica do Auto do Boi Caprichoso ano/2025 - arena do Bumbódromo



Fonte: <https://youtu.be/FzII4XByAbY?si=9G1sD3pSrHnWSwB8>

ANÁLISE FOLKCOMUNICACIONAL DO AUTO DO BOI DE PARINTINS/AM

O Auto do Boi de Parintins, entre os anos de 2000 e 2024, passou por significativas transformações que refletem tanto a valorização de suas raízes culturais quanto a adaptação às demandas contemporâneas de representatividade e identidade. Tradicionalmente, o Auto do Boi narra a história de Pai Francisco e Mãe Catirina, personagens afro-brasileiros que, por um desejo de Catirina, grávida, levam à morte do boi favorito do patrão. Com a intervenção de um pajé indígena, o boi é ressuscitado, simbolizando a união de diferentes culturas presentes na Amazônia. Essa narrativa, ao longo dos anos, foi incorporada ao Festival Folclórico de Parintins, ganhando novos contornos e significados.

O Festival Folclórico de Parintins, resultado de uma mistura do bumba meu boi nordestino e dos costumes e características locais têm em sua gênese, conhecida como Auto do Boi, a narrativa da história do “desejo da negra Mãe Catirina” de comer a língua do boi mais querido da fazenda de seu patrão. O patrão, conhecido no Auto como “Amo do Boi”, é um fazendeiro, pai da Sinhazinha da Fazenda. Esta, assim como o pai, tem grande apreço pelo boi em questão. No enredo, “Pai Francisco”, negro companheiro de

Mãe Catirina, para atender ao desejo de sua mulher, que está grávida, mata o boi do patrão para assim, satisfazê-la. “Inconformado com a morte do animal, e diante da grande tristeza de sua filha, o Amo manda buscar Pai Francisco, para que este dê conta do boi, vivo. Tal proeza só se torna possível com a intervenção do “Pajé”, que consegue reviver o Boi, fazendo a alegria de todos” (Rego, 2024, p. 14).

Nos últimos anos, pesquisadores como Karine Maia Rego destacaram a marginalização histórica dos personagens negros no festival, observando que, apesar de serem itens obrigatórios, Pai Francisco e Mãe Catirina não recebem pontuação nas apresentações, diferentemente de outros personagens. Essa constatação levou a uma reflexão sobre a necessidade de resgatar e valorizar o protagonismo negro no Auto do Boi. Em resposta a essas críticas, o Boi Caprichoso implementou mudanças significativas em suas apresentações. Por exemplo, os personagens foram interpretados por artistas negros e quilombolas, como Ádria Barbosa (Mãe Catirina), Fábio Modesto (Pai Francisco desde 2020) e Kellyson (Gazumbá desde 2022), trazendo autenticidade e representatividade às encenações.

Figura 3: Pai Francisco, Mãe Catirina e Gazumbá do Boi Caprichoso



Fonte: Divulgação/Pedro Coelho

Essa iniciativa buscou não apenas corrigir distorções históricas, mas também fortalecer a identidade cultural afro-amazônica no festival. Essas transformações evidenciam a dinâmica cultural do Auto do Boi de Parintins, que, ao longo das últimas

décadas, tem buscado equilibrar tradição e inovação, promovendo uma festa que celebra a diversidade e a riqueza cultural da Amazônia. O Auto do Boi de Parintins, além de sua dimensão ritualística e performática, é também um fenômeno comunicacional de forte impacto popular. Sob a perspectiva da folkcomunicação, pode-se compreender como essa manifestação cultural dialoga diretamente com a comunidade, mobilizando símbolos, narrativas e linguagens que favorecem a identificação coletiva (Melo, 2008).

A estrutura do espetáculo integra elementos visuais e sonoros que são instantaneamente reconhecíveis pela população local, como os toques da batucada (no Garantido) e da marujada (no Caprichoso), as toadas que narram mitos e lendas amazônicas e os personagens arquetípicos como o Amo do Boi, a Sinhazinha da Fazenda, o Pajé, o Levantador de Toada e o Porta-Estandarte. Cada um cumpre função simbólica dentro do auto, representando figuras sociais e mitológicas da cultura amazônica (Cavalcanti, 1998).

Figura 4: Pai Francisco e Mãe Catirina do Boi Garantido



Fonte: https://youtu.be/pVTAL7U_zow?si=U2JdJ9qywKQRI2g7

O enredo apresentado pelos bois é desenvolvido a partir de um roteiro que mistura tradição e modernidade, abordando temas como preservação ambiental, ancestralidade indígena, resistência negra e valorização das culturas locais. A narrativa é costurada por meio de performances coletivas coreografadas, grandes alegorias e recursos audiovisuais que geram forte impacto emocional e sensorial no público. Visualmente, o espetáculo é marcado por cores, movimento e gigantismo, que reforçam a natureza simbólica das alegorias. As toadas, como veículo folkcomunicativo (Benjamin, 2017), por sua vez,

funcionam como trilha narrativa que emociona e conduz a compreensão do enredo da festa. Essa fusão entre o som e a imagem produz uma comunicação simbólica e afetiva que envolve o público local e visitantes, fortalecendo sentimentos de pertencimento e orgulho regional.

A folkcomunicação (Beltrão, 2004) permite perceber que o Auto do Boi não é apenas uma performance artística, mas um campo comunicacional onde a comunidade participa como coautora do espetáculo. O envolvimento de moradores nos barracões, nas toadas, nas danças e na construção das alegorias demonstra como a cultura popular se expressa por meio de múltiplas linguagens e se reinventa a partir da interação com o público. Em suma, o Auto do Boi de Parintins representa um espaço privilegiado de circulação simbólica, onde os signos da cultura amazônica são ressignificados e compartilhados coletivamente. Através da perspectiva da folkcomunicação, compreende-se que a festa transcende o entretenimento e torna-se instrumento de afirmação cultural, construção identitária e resistência simbólica na Amazônia.

FOLKCOMUNICAÇÃO E A REPRESENTATIVIDADE NEGRA

O Auto do Boi de Parintins constitui uma das mais expressivas manifestações da cultura popular brasileira, especialmente na região amazônica. A análise folkcomunicacional dos personagens negros Pai Francisco e Mãe Catirina, destaca sua importância simbólica, performática e representativa dentro do espetáculo. A partir das contribuições teóricas de Luiz Beltrão (1980), argumenta-se que essas figuras atuam como referências positivas para jovens negros, ressignificando sua identidade racial e valorizando sua ancestralidade. A presença cênica, o uso da oralidade e os elementos estéticos dessas personagens contribuem para um processo de comunicação que articula arte, memória e resistência.

O Auto do Boi, especialmente na versão encenada em Parintins (AM), é um espetáculo que integra teatro, música, dança e narrativas da tradição oral amazônica. Trata-se de uma manifestação cultural que, ao mesmo tempo em que mantém raízes populares, também atualiza seus sentidos diante de novas demandas sociais. Entre os personagens centrais estão Pai Francisco e Mãe Catirina, figuras negras que movimentam o enredo e simbolizam uma série de experiências coletivas.

Com base na Folkcomunicação, como proposta por Luiz Beltrão (2014), é possível compreender essas personagens como mediadores culturais que ressignificam o espaço cênico por meio de códigos da comunicação popular. Este trabalho analisa como Francisco e Catirina são incorporados à festa como expressões vivas da cultura afro-brasileira e como referências positivas para jovens em processo de afirmação racial (Mãe Catirina do boi Caprichoso, entrevista concedida em 08/07/2025). As falas de Pai Francisco e Mãe Catirina são carregadas de expressões populares, humor, afetividade e improviso. Esses elementos não apenas dão continuidade ao enredo, mas comunicam experiências comuns ao povo negro brasileiro, como a luta pela sobrevivência, a resistência diante de estruturas opressoras e o cuidado com a família. A oralidade, entendida por Beltrão (2014) como um dos pilares da folkcomunicação, atua aqui como meio de preservação cultural. Ao comunicar-se com o público por meio da linguagem popular, as personagens ativam uma memória coletiva e constroem pontes simbólicas com quem compartilha sua origem e trajetória.

No contexto do Auto do Boi, a presença de corpos negros em posição de protagonismo rompe com estereótipos e resgata a beleza da estética afro-brasileira. Pai Francisco e Mãe Catirina não estão apenas no centro da narrativa: eles a movimentam, a encarnam, a transformam (Pai Francisco do boi Caprichoso, entrevista concedida em 08/07/2025). Segundo os personagens envolvidos no enredo, a comunicação nas festas populares não se dá apenas pelas palavras, mas também pelos corpos e pela estética da cena. A performance dessas personagens, seus trajes, danças, gestos e vozes, torna-se um discurso visual, simbólico e sensorial sobre ancestralidade, dignidade e celebração do povo negro. A força simbólica de Francisco e Catirina se estende para além do palco. Em um país onde os espaços midiáticos e culturais ainda oferecem poucas representações negras positivas, ver personagens negros ocupando o centro de um espetáculo tão valorizado é uma ação profundamente política (Pai Francisco do boi Garantido, entrevista concedida em 05/07/2025). A representação afirmativa de sua cor, origem e cultura oferece aos jovens negros uma possibilidade de identificação e reconhecimento. Essas figuras, portanto, funcionam como dispositivos de autoestima e orgulho racial, reafirmando a beleza, a força e a legitimidade da negritude (Pai Francisco do boi Caprichoso, entrevista concedida em 08/07/2025).

A análise das personagens Pai Francisco e Mãe Catirina sob a ótica da folkcomunicação revela como o Auto do Boi de Parintins é mais do que uma festa: é um espaço de expressão política, de memória e de resistência. Por meio da oralidade, da performance e da estética afrocentrada, essas figuras reafirmam valores culturais negros e reconfiguram a presença do povo afro-brasileiro no imaginário coletivo. Seu protagonismo comunica muito mais do que uma narrativa cênica, comunica pertencimento, dignidade e futuro. Ao ocupar o palco da festa, Francisco e Catirina também ocupam, simbolicamente, um espaço da história, de poder, de luta e resistência.

ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES

A pesquisa revelou que o Auto do Boi de Parintins funciona como um rito de reafirmação identitária, no qual o povo amazônida expressa pertencimento, memória e resistência. A análise das vídeos e dos relatos de campo indicou que os bois Garantido e Caprichoso simbolizam projetos distintos de identidade cultural, ambos enraizados na história local, mas também abertos às tensões do mercado, da mídia e do turismo.

A pesquisa também identificou que a participação de novos atores sociais — como mulheres negras, jovens periféricos e representantes indígenas — tem ampliado as formas de representação no festival, trazendo à tona pautas de diversidade e inclusão. Esses sujeitos não apenas compõem o espetáculo, mas também contribuem para redefinir os sentidos atribuídos à festa, tensionando normas tradicionais e promovendo novas formas de protagonismo.

O referido festival é vivenciado pelos participantes como uma experiência emocional profunda, que envolve meses de preparação coletiva, construção de alegorias, ensaios e práticas cotidianas que fortalecem os laços comunitários. A etnovideografia permitiu captar nuances dessas vivências, revelando a centralidade do corpo, do afeto e da estética na construção de sentido do Auto do Boi. Além disso, os vídeos documentaram os bastidores da criação artística e os processos de articulação simbólica que fazem do festival um território de disputa e afirmação cultural. As transformações recentes, como a valorização do protagonismo negro no Auto do Boi e a representação consciente de personagens tradicionais, evidenciam uma reconfiguração simbólica do festival. Iniciativas como a presença de artistas quilombolas e indígenas nos papéis de Pai

Francisco, Mãe Catirina e Pajé sinalizam uma busca por autenticidade e representatividade. Essa renovação simbólica amplia o alcance da festa, reforçando sua função educativa e política.

REFERÊNCIAS

BELTRÃO, L. **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980.
_____. **Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias**. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS & FAMECOS, 2014.
_____. **Folkcomunicação: teoria e metodologia**. São Bernardo do Campo: UESP, 2004.

BENJAMIN, Roberto. **As festas populares como processos comunicacionais**. In: FERNANDES, Guilherme Moreira et al. (orgs), Roberto Benjamin: pesquisas, andanças e legado. Campina Grande: Eduerj, 2017.

BRAGA, Sérgio Ivan Gil. **Os bois-bumbás de Parintins**. 2001. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.
_____. **Os bois de Parintins: folguedo, ritual e espetáculo**. Manaus: EDUA, 2007.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **O rito e o tempo: ensaios sobre o carnaval do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
_____. **As toadas do Boi-Bumbá de Parintins. Territórios da língua portuguesa; culturas, sociedades, políticas**. Anais do IV Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Fundação José Bonifácio, 1998.
_____. **O boi-bumbá de Parintins, Amazonas: breve história e etnografia da festa. História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, vol. VI (Suplemento), 2000.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

MAUSS, M. **Sociologie et anthropologie**. Paris: PUF, 1999.
_____. **Ensaio sobre a dádiva, forma e razão da troca nas sociedades arcaicas**. In: v. 2. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.

MELO, José Marques de. **Mídia e Cultura popular: história, taxonomia e metodologia da folkcomunicação**. São Paulo: Paulus, 2008.

NOGUEIRA, Wilson. **Festas Amazônicas**. Manaus: Valer, 2005.
_____. **Boi-Bumbá: Imaginário e espetáculo na Amazônia**. Manaus: Valer, 2010.
_____. **A espetacularização do imaginário amazônico no boi-bumbá de Parintins**. 2013. 244 f. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **‘O Boi de Parintins: uma dramaturgia das paixões ou a fogueira do imaginário’**. **Cultura Amazônica: uma poética do imaginário**. Belém, Centro de Estudos Jurídicos do Pará/Cejup, 1995.

PORTAL AMAZÔNIA. **Conheça a história do 'Auto do Boi' e como se adaptou ao Festival de Parintins**. 2024. Disponível em: <https://portalamazonia.com/cultura/conheca-a-historia-do-auto-do-boi-e-como-se-adaptou-ao-festival-de-parintins/>. Acesso em 9 mai. 2025.

PACHIONI, Miguel Sgarbi. **Comunicando identidades: o patrimônio cultural sob a ótica dos educandos mediados pela educomunicação.** Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, 2014.

REGO, Karine Maia. **Reflexões acerca do protagonismo negro: o auto do boi no Festival Folclórico de Parintins.** TCC (Graduação em Artes Visuais) – Universidade Federal do Amazonas, Parintins, 2024.

RODRIGUES, Allan Soljenítsin Barreto. **Boi-bumbá evolução: livro reportagem sobre o festival folclórico de Parintins.** 2 ed. Manaus: Reggo, 2021.

SANTOS, Arnaldo Araújo dos. **A batalha do povo perrechê contra o povo da francesa: o protagonismo das torcidas no festival folclórico de Parintins.** Dissertação (Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas) – Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2024.

TEIXEIRA, Sérgio Alves. **‘Garantido e Caprichoso: os deslumbrantes Bois-bumbás de Parintins’.** *Boletim* n° 16, Associação Brasileira de Antropologia, 1994.

TENÓRIO, Fernando. **Folkcomunicação e cidadania cultural: a comunicação dos grupos populares.** *Revista Comunicação & Inovação*, v. 9, n. 17, 2008.

TURNER, Victor. **Dramas, campos e metáforas: A ação simbólica na sociedade humana.** São Paulo: Perspectiva, 1974.